



# REVISTA TERCEIRO INCLUÍDO

ISSN 2237-079X

Transdisciplinaridade e Temas Contemporâneos

**V. 10 - 2020**

---

Ana Júlia de Freitas CARRIJO, Eduardo Portanova BARROS

O Método Da Totalidade E Os Paradigmas Acadêmicos Da Comunicação E Do Jornalismo:  
Mediações E Polaridades

pp. 131-142

DOI: 10.5216/teri.v10i1.65199

---

# O MÉTODO DA TOTALIDADE E OS PARADIGMAS ACADÊMICOS DA COMUNICAÇÃO E DO JORNALISMO: MEDIAÇÕES E POLARIDADES<sup>1</sup>

## THE METHOD OF TOTALITY AND THE ACADEMIC PARADIGMS OF COMMUNICATION AND JOURNALISM: MEDIATIONS AND POLARITIES

### EL MÉTODO DE LA TOTALIDAD Y LOS PARADIGMAS ACADÉMICOS DE LA COMUNICACION E DEL PERIODISMO: MEDIACIONES Y POLARIDADES

Ana Júlia de Freitas Carrijo<sup>2</sup>  
Eduardo Portanova Barros<sup>3</sup>

#### Resumo:

Este texto apresenta uma breve reflexão sobre as possíveis articulações entre o Método da Totalidade, de Edgar Morin, e a Pesquisa em Comunicação e Jornalismo. Trata-se de aproximações entre o meio acadêmico como abertura de espírito (retomando seu papel universal de conhecimento), especialmente no campo da Comunicação, e suas tentativas de afirmar-se por meio de paradigmas, conforme Thomas Kuhn. Conclui-se que o encadeamento plural de ideias é uma forma de expressar o quadro caótico como dispersão empírica. Busca-se um pensamento especulativo capaz de articular polaridades. Junto, concluindo-se, com proposições de caminhos possíveis à dialética comunicativa pelo viés do Paradigma da Complexidade.

**Palavras-chave:** Comunicação; Jornalismo; Morin; Mediações; Polaridades.

#### Abstract:

This article presents a reflection about possible articulations between the Totality Method, from Edgar Morin, and the Communication and Journalism researches. It discusses the approaches of the academic discourse as an opening of spirit (keeping in mind its role of universal knowledge), especially in the Communication area, and its attempts to affirm itself by paradigms, according to Thomas Kuhn. The ideas are chained so as to express the chaotic scenario as empirical dispersion, looking for an speculative way of thinking, capable to articulate polarities and to propose possible paths to the communicative dialectic in terms of the Paradigm of Complexity.

**Keywords:** Communication; Journalism; Morin; Mediations; Polarities.

#### Resumen:

Este texto presenta una breve reflexión sobre las posibles articulaciones entre el Método de la Totalidad de Edgar Morin y la Investigación en Comunicación y Periodismo. Se tratan de aproximaciones entre el medio académico como mente abierta (retomando su papel universal de conocimiento), especialmente en el campo de la Comunicación, y sus intentos de afirmarse a través de paradigmas, según Thomas Kuhn. Se concluye que la cadena plural de ideas es una forma de expresar el cuadro caótico como una dispersión empírica. Buscamos un pensamiento especulativo capaz de articular polaridades. Juntos, concluyendo, con propuestas de posibles caminos hacia la dialéctica comunicativa a través del Paradigma de la Complejidad.

**Palabras clave:** Comunicación; Periodismo; Morin; Mediaciones; Polaridades.

---

1 Este artigo contou com apoio da CAPES e da Universidade Federal de Goiás (UFG).

2 Mestranda em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCom) da Universidade Federal de Goiás (UFG), na linha de pesquisa Mídia e Cultura. Bolsista CAPES. Graduada em Comunicação Social, com habilitação em Publicidade e Propaganda, pela Universidade Federal de Goiás. Atua como pesquisadora no Núcleo de Pesquisa em Teoria da Imagem (NPTI), na Faculdade de Informação e Comunicação (FIC/UFG). Foi pesquisadora Voluntária (2017/2018) e Bolsista (2018/2019) do Programa de Iniciação Científica da UFG.

3 Professor-pesquisador PNPd/CAPES do Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Cultura e Fronteiras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná-UNIOESTE-PR. ORCID: 000-001-5832-5711

*“Um poema não se termina: se abandona”.*

*Teixeira Coelho.*

## INTRODUÇÃO

No cenário contemporâneo, multipolarizado por esferas empíricas e teóricas que norteiam o processo de construção subjetiva e de elaboração acadêmica, “representar” a si mesmo(a) no ambiente acadêmico de pesquisa em Comunicação e Jornalismo exige criatividade (e autocrítica) para perceber as dúvidas em dialogar com um campo empiricamente tão vasto e teoricamente tão fugaz. É uma premissa complexa, sabemos, por isso mesmo procuramos uma possível abordagem especulativa na pesquisa em Comunicação e Jornalismo. O que se constrói de fato e a seguir é uma pequena utopia acadêmica. Por meio de um “pensamento selvagem” (termo oriundo de Lévi-Strauss), este texto foi construído em torno desse sentimento caótico da informação por seu caráter ilimitado e indefinido nesta sociedade em redes. Partimos de uma dispersão empírica vasta como ferramenta da nossa especulação autoral.

Admite-se a imensa quantidade de questões deixadas em aberto neste texto (como o é em qualquer outro, aliás). Porém, tais constatações são, na verdade, indícios da aplicação de uma metodologia que se vê alternativa na produção acadêmica, a Metodologia (ou Método) da Totalidade, de Edgar Morin (2006). Tentamos, portanto, “aplicar” essa metodologia “total” (sujeito e objeto inseparáveis na produção) aqui, e no processo de elaboração deste texto, considerando e estimulando uma reflexão ativa, essa de inspiração em Nietzsche (2006) e seu espírito libertário<sup>4</sup>. Esse sentido de que prazer comunicado é arte ou, ainda, no sentido de que esse prazer se sobressaia não em uma atitude do rebanho, inerte, mas ativo e potencialmente reflexivo, conforme a crítica de Nietzsche às virtudes (negativas, obviamente) de rebanho (2011, p. 293).

A partir do caos (sendo aqui visto como profusão de ideias e imagens), esse de um “patchwork” de autores, pensamentos, experiências e impressões, buscou-se, então, um centro teórico que pudesse nortear o desenvolvimento deste artigo. Aqui, a reflexão teórica é guiada pelo Método da Totalidade, como foi dito, proposto por Edgar Morin em Cultura de Massas no Século XX – Neurose, o qual se desdobra em uma espécie de Filosofia Polar. Sob esse viés discutimos as práticas acadêmicas, especialmente no campo da Comunicação e do Jornalismo, e procuramos compreender de que modo é possível articular o Método da Totalidade à Pesquisa em Comunicação e Jornalismo hoje em dia. Destacamos ainda, nesta introdução, que os parágrafos a seguir revelam tentativas de expressão metafóricas – em alguns casos – construídas propositalmente como um desafio.

Morin é conhecido por ser um autor pluralista. Já escreveu sobre as estrelas de cinema, o homem imaginário, o pensamento complexo e métodos (assim mesmo no plural, para destacar esse percurso epistemológico de seis tomos que ele levou mais de uma década para finalizar). O que se destaca no aporte dialético em Morin com o Método da Totalidade é uma lógica conceitual desse

---

<sup>4</sup> No capítulo IX, intitulado “Incurções de um extemporâneo”, no livro “Crepúsculo dos ídolos”, 2006, Nietzsche explica, à página 88, seu “conceito de liberdade”. É nesse trecho que nos baseamos para fundamentar a noção de “espírito libertário” com que trabalhamos aqui: algo que se conquista e que, para tanto, exige força de espírito.

antagonismo. Todo “avanço”, segundo ele, é uma consequência das forças contrárias em ação no homem, que é de onde se origina, também, outro termo com o qual Morin trabalha, o imaginário. Um imaginário que é tanto coercitivo quanto subjetivo. E é esse princípio dialético o que há de vivo na cultura.

## **O MÉTODO DA TOTALIDADE (MT)**

A tese de um Método da Totalidade é de Edgar Morin (1997), a fim de que o pensamento complexo una conhecimentos separados. Morin legitima a inquietação diante dos temas amplos e abstratos e, mais ainda, corrobora com a percepção de que estudá-los fragmentadamente não é procedimento eficaz para responder a questões essenciais. A trajetória acadêmica, daí, acontece sob a dialética polar entre centro teórico e dispersão empírica, delimitando caminhos e indicando “assim sim” e “assim não”. Se há uma possível e incipiente reflexão filosófica especulativa, não seria o caso de procurarmos brechas na matriz vigente? Produzir ciência é construir caminhos palpáveis, visíveis; mas *pensar é costurá-los, des-cobri-los*. Os pontos cerzidos são como o homem de Bachelard (1993) que, apesar da vida, torna-se poeta. Eles estão lá: visíveis para quem se dispõe a articular o sujeito pensador e sua experiência subjetiva ao objeto propriamente dito.

A proposta moriniana da Totalidade é a articulação entre dois polos, a saber, dispersão empírica e centro teórico (MORIN, 1997, p. 20). O primeiro diz respeito às experiências que atravessam os sujeitos, seus gostos, interesses e percepções de mundo. O segundo trata do processo de reflexão filosófica especulativa responsável por nortear a busca por uma síntese teórica advinda da dispersão. Mantendo o princípio da dualidade, o MT propõe tratar os dois polos de modo equilibrado, sem que haja um mais importante, ou que deva pesar mais que o outro, e, ainda, de modo que ambos sejam reversíveis. Isso significa que há, em Morin, a efetiva consideração das imbricações do sujeito em suas produções. “O Método da Totalidade engloba o Método Autocrítico porque encara um fenômeno em suas interdependências e o próprio observador no sistema de relações” (MORIN, p. 20, 1997).

Pensar o MT no recorte do ambiente acadêmico é reconhecer que o objeto não é estático, não faz parte de uma estrutura dada e tampouco está preso. Por outra via, é “extático”, transita sobre um eixo movente e é passível de ser transformado por quem reflete sobre ele. De forma prática, a excelência da aplicação do MT estaria próxima a uma articulação dialógica e dual entre o que há de vivo no(a) pesquisador(a) (seus interesses e experiências pessoais) e a materialidade de seu objeto de estudo situada no meio acadêmico. Assim, inevitavelmente é preciso estabelecer limites, recortar temas e definir objetivos para encontrar respostas (ou mais dúvidas) para grandes inquietações. Por isso, não é rara a sensação de estar sendo parte da consolidação de um pensamento fragmentado na academia.

Pôr de lado as questões primordiais e genuinamente inquietadoras, abrir mão da fertilidade advinda da dispersão empírica sob a justificativa do “assim sim/assim não”, ou seja, do que é ou não consenso na academia, é um exemplo de implicações do polo oposto ao da Totalidade. O princípio da dialética tensiona subjetividade e coerção do meio e articula o trágico prazer de ser competente em comunicar questões práticas sem perder a veia filosófica. A dualidade entre dispersão

empírica e centro teórico é trágica porque é incontornável, ou seja, é condenada a enfrentar contradições sem poder liquidá-las. Lidar com o trágico no meio acadêmico é, para dizer de maneira bastante explícita, suportar as exigências pragmáticas de produtividade, objetividade e - talvez a mais complexa delas - distanciamento.

A dedicação à formação científica é uma questão movente que, cheia de problematizações, consegue revelar um papel fundamental, ao menos: o fazer pensar. Trata-se de uma carreira destinada à formação do pesquisador ou da pesquisadora, em que, quanto mais dotado(a) de saberes e experiências reflexivas e propositivas for, melhor. É preciso refletir sobre isso. Como pode uma carreira dependente da autoformação afastar ou descartar o sujeito do processo de análise e reflexão no ambiente acadêmico-teórico? A Filosofia Polar evita as noções de dualismo porque não se trata de pensar sobre polos antagônicos e dessemelhantes, de modo a descartar um deles. No recorte do meio acadêmico, pensar o macro, o criativo, o curioso (o que vem da dispersão empírica) está articulado a pensar o micro, o pragmático, o solicitado (o que vem do centro teórico).

Essa prática não é, a priori, o oposto do bom. Ela se move no longo caminho entre os polos do “bom” e do “ruim”. Essas instâncias, aliás, já não são tão definidas na pós-modernidade. Não há uma identidade fixa, nem mesmo uma realidade única; o progresso não é linear e a razão não predomina. Como definir, então, o que deve estar em cada polo: dispersão empírica/bom e centro teórico/ruim? Para quem e sob quais critérios? O que pauta a concepção de bem e mal? Para tratar de questões tão complexas quanto as que formulamos, buscamos um diálogo com outro debate que pode ser caracterizado com o mesmo adjetivo: a noção de *afetual*. Teixeira Coelho (1997, p. 39) entende que o “afetual é componente vital do imaginário do homem e mediador privilegiado das relações sociais”.

A esfera do *afetual* afasta-se da objetividade, da militância política, dos vínculos evidentes com a lógica e com a razão e aproxima-se da lógica de expressão do sujeito em suas reflexões filosóficas. Característico da pós-modernidade, o *afetual* considera as emoções, o *societal*, o orgânico, aquilo que vem do interior do sujeito. Admite-se, então, em diálogo com tal proposta que a história se faz através dos sujeitos e não dos fatos. O conhecimento científico é feito através da trágica (porque é incontornável) dialética entre subjetividade e coerção do meio. Entre linhas e agulhas - e furos nos dedos -, as brechas vão sendo incorporadas ao pensamento e, com o esmero do tempo e da maturidade, confundem-se com a totalidade da peça.

Torna-se, então, mais possível compreender o não-dito comum que indica o caminho como mais interessante que o fim. Por caminho compreende-se, neste momento, a execução prática, empírica, analista - sempre pronta a recortar e definir limites -, mas também as costuras do fundamental combustível para a chama da curiosidade: a especulação, as inquietações, as imbricações de si nas reflexões. Tendo dado esse passo, é possível visualizar que as grandes/subjetivas inquietações ou as dispersões empíricas podem ser abordadas a partir do recorte e da coerção do meio e ainda estar vinculadas ao propósito do pensamento complexo, universal. O que há de subjetivo no pesquisador ou na pesquisadora está entremeado, inevitavelmente, em sua produção. As proposições articuladas ao “parece que” ou ao “talvez” são - tragicamente, uma vez mais - talvez as mais interessantes.

Destituídas das práticas de representação do(a) intelectual como aquele(a) que precisa ser

especialista em tudo o que diz, que não pode propor nada menos que teses seguras e comprovadas por um cientificismo duro, elas são a expressão do pensar. Com efeito, não negam a necessidade da estruturação metodológica, tampouco dispensam a validade de consolidação de um centro teórico. Mas preocupam-se em ser competentes em comunicar as inquietações, as descobertas, as hipóteses, os prazeres do pensamento. Portanto, é arte.

## **COMUNICAÇÃO, PARADIGMA E CIÊNCIA**

No campo da Comunicação, a discussão sobre a articulação entre pesquisador(a) e objeto de estudo é profícua por conta de seu caráter epistemológico. Afinal, pensar a comunicação é também comunicar-se. Que implicações essa constatação revela?

A pesquisa em Comunicação, ao longo dos anos, mostrou-se múltipla em questão de temas, abordagens e mesmo de conceitos. Tanto é que se fala em Teorias da Comunicação e do Jornalismo, no plural. Cada uma delas é elaborada de acordo com as demandas sociais, culturais e, com efeito, econômicas do período a que se referem. Pesquisas administrativas vinculadas ao positivismo são exemplos claros da produção acadêmica em Comunicação associada à dinâmicas de mercado. Os Estudos Culturais britânicos, para dar outro exemplo, surgem a partir de um pensamento político de esquerda e são desenvolvidos em diálogo com uma situação político-ideológica específica. Isso não é algo que diminua a validade das correntes teóricas da Comunicação e do Jornalismo.

O fato é que cada uma delas tem seu próprio conceito. Enquanto para uma a comunicação é uma questão de transmissão de informações em um sistema eficaz (Teoria Matemática), para outra pode ser o estudo dos signos, dos códigos, da construção de sentido (Semiótica). Cada autor(a) oferece o que lhe é possível, considerando o tempo histórico, a dinâmica cultural específica, as condições econômicas etc. Deveríamos, então, pensar em Comunicações? A Comunicação, na prática, é uma esfera ampla, dinâmica e plural. Pensá-la, de fato, pode nos levar para uma vasta dispersão empírica. A questão é como articular tal dispersão a um centro teórico que norteie o campo de estudos. Afinal, seguindo a Filosofia Polar, os dois polos devem ser reversíveis e igualmente importantes.

Para refletir sobre as possibilidades dessa articulação é preciso pensar sobre o que há de (ou se há) consenso no campo. Estamos pensando sobre o paradigma da comunicação, uma espécie de estatuto da área. Para Kuhn (1996), paradigmas são as realizações científicas universalmente reconhecidas, que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência. A dificuldade contemporânea de encontrar um paradigma na comunicação deve-se a, pelo menos, dois fatores. O primeiro, como já dissemos, é a pluralidade empírica da área com a qual a prática acadêmica/reflexiva não consegue refletir em suas proposições. O segundo é a não correspondência entre os paradigmas estabelecidos e o tempo histórico que vivemos atualmente.

Sobre esse segundo fator, cabe uma reflexão. O pluralismo dos paradigmas da Comunicação revela uma variedade de proposições e conceitos e que conseguiram se tornar consensos em algum momento, para algum grupo. Tais noções foram construídas a partir de certezas que não se solidificaram no decorrer dos séculos. Isso significa que os modelos dados esboroaram-se, ou seja, não dão conta de responder ou nortear buscas por respostas contemporâneas. O paradigma

entra em crise quando se reconhece uma anomalia. É quando as respostas para os problemas não satisfazem mais, conforme Kuhn (1996). Nesse momento, há a necessidade de uma transformação do campo a partir de novos princípios que acabam alterando algumas generalizações teóricas do paradigma anterior (KUHN, 1996).

Se dentre os paradigmas da Comunicação e do Jornalismo nenhum dá conta de inquietações presentes, tais como a problemática da imbricação do sujeito em sua produção acadêmica, provavelmente o que ocorre é a anomalia descrita por Kuhn. O projeto de modernidade foi a base para a construção da maioria, se não de todos, os paradigmas da Comunicação. Tal projeto não considera elementos típicos da pós-modernidade, como, por exemplo, o *afetual*. Os discursos acadêmicos atuais ainda estão vinculados a ideias positivistas e desconsideram o caos, o afeto, as múltiplas realidades. É a polaridade dialética entre o(a) cientificista militante e o(a) pensador(a) *afetual*. Por uma via, a lógica pós-moderna propõe que o pensamento articule dispersão empírica e centro teórico, de modo a afirmar as ambiguidades do sujeito, sua construção complexa entre interior e exterior.

Por outra via, o projeto moderno exige o distanciamento entre sujeito e objeto, *fetichiza* a metodologia e aceita uma identidade única, livre de angústias e dúvidas; não há espaço para especulações, senão para certezas. Até que ponto devemos levar em conta a dispersão empírica, como propõe o pensamento complexo pós-moderno? Há, de fato, demasiada dispersão e pouco centro teórico na pesquisa em Comunicação? Essas questões evidenciam, uma vez mais, a problemática da polaridade. O fluxo dialético do presente não é do passado, nem do futuro. Está no *entre*, portanto, no caminho entre os polos. É a proposta do terceiro incluído, que advém da tese de que “o primeiro número é o três”. Isso significa dizer que os números um e dois representam os polos, que se anulam em certo sentido, então, o número três é o primeiro: aquele que confere uma entropia ao par.

A solução do terceiro incluído indica a necessidade de, a partir da dinâmica bipolar, criar outro polo que sintetize, abranja ou negue os outros dois. Se o objetivo da Filosofia Polar, como foi acordado, é manter a dualidade e não o dualismo, uma medida possível é o limiar entre a domesticação do ambiente teórico-reflexivo e seu caráter ativo. Da mesma forma com que Teixeira Coelho analisa a complexidade dos estudos da cultura, podemos, por que não?, considerar tais desdobramentos desta breve epistemologia da Comunicação que se faz aqui. Para Teixeira Coelho, os estudos da cultura que só querem entender o mundo têm uma “ideia imobilizadora e engessadora, além de cômoda, porque abrangente, e, hoje sob mais de um aspecto, simplista” (COELHO, 2008, p. 17).

Ao contrário, estudos de política cultural, como aquele que o autor se propõe a fazer, “querem transformar o mundo ou, melhor: viabilizar as condições para que o mundo se transforme (para melhor)” (COELHO, 2008, p. 17). Essa perspectiva é considerada por ele uma ideia de cultura efetivamente motriz. Quando o ambiente de reflexão acadêmica domestica seu campo de estudo, a cultura ou a comunicação procura somente entendê-lo e não questioná-lo, acabando por minar possibilidades múltiplas de descobertas e proposições. Nesse sentido, manter a Comunicação “em aberto”, e não como uma ciência propriamente dita, pode ser o caminho para a transição de paradigmas diante das anomalias encontradas. Ainda há a necessidade de manter a busca por respostas fixas e capazes de ordenar o caos.

Em muitos casos, o alcance da ordenação do caos é o objetivo principal da dinâmica acadêmica, sempre em busca de um referencial sólido e seguro em que possa ancorar suas conclusões. Trata-se de um hábito vinculado a um projeto de modernidade que considera o signo como valor, ou seja, que crê na existência de uma Verdade e, com efeito, na possibilidade humana (racional e científica) de encontrá-la. Mas por que não manter o caos? Talvez ele seja o trágico do pós-moderno, aquilo que é incontornável e com o que é preciso lidar e não negar. Morin provoca a discussão afirmando que se falamos de cultura é a nossa concepção de cultura que está em jogo. Se assim for, até que ponto a discussão reiterada sobre a unificação da Comunicação como ciência é necessária?

A pesquisa em Comunicação e no Jornalismo deveria retroceder à noção prévia de ciência, considerando que essa mesma ciência positivista não dá mais conta da pluralidade de hoje? A ciência moderna não aceita o caos, que é vida (para o melhor ou o pior). É preciso, porém, pensar ativamente a Comunicação e o Jornalismo, confrontá-los em suas possibilidades diversas e contraditórias, e não desconsiderar o caos da empiria dispersiva, nem mesmo o que há de inquietação interior nos que pensam sobre ela. O contrário disso seria a cômoda domesticação da pesquisa, da cultura, da comunicação e do jornalismo. Como, então, articular centro teórico e dispersão empírica no contexto da Pesquisa em Comunicação? e partida, é fundamental compreender a Comunicação e o Jornalismo como acontecimentos, como um não-lugar (o entre). Isso significa dizer que ela não está só nos meios de comunicação, nem só nos sujeitos, porque está também nesse entre-dois.

Não está só na mensagem, nem no só canal de transmissão; não está só na construção, nem só na compreensão de sentido. A comunicação está no *entre*. Aqui aparece, novamente, a proposta do terceiro incluído. É antes uma articulação de polos de emissão e recepção, de poder e subalternidade, de moderno e popular etc. É um acontecimento porque é ação, interação, representação, performance. O diálogo com o campo dos Estudos de Performance pode ser profícuo para esta discussão sobre Comunicação e Jornalismo. Vejamos.

## **COMUNICAÇÃO COMO ACONTECIMENTO, REPRESENTAÇÃO E PERFORMANCE**

Goffman define representação como “toda atividade de um indivíduo que se passa num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre estes alguma influência” (2018, p. 34). Trata-se de uma ação, de um acontecimento de comunicação porque advém da experiência. Na comunicação cotidiana a prática de representar a si mesmo é comum. A interação entre os pares em diferentes ambientes sociais é discutida por Schechner (2002), com a expressão *performing in everyday life* e indica, a partir da noção de performance, que aprendemos a nos comportar em diferentes situações sociais observando nossos pares ao longo da vida. Os “comportamentos restaurados” são aqueles vivenciados mais de uma vez, que orientam a construção de performances ou representações.

Logo, tanto a expressão do ser, quanto o aprendizado do que é ser e como se deve ser são questões de Comunicação. São acontecimentos mediados culturalmente que constroem e compartilham sentido, que fazem mover o processo comunicativo. O centro teórico na(s) Comunicação(ões) pode estar relacionado, portanto, não somente aos meios de comunicação, mas primordialmente a questões que refletem sobre o porquê consolidamos um cenário comunicativo

como o que temos hoje. Se a comunicação é um acontecimento comum a todos os humanos, a própria construção da realidade social, cultural e subjetiva do sujeito está articulada a ela. O modo de atribuir significado ao meio e a si próprio é indissociável das práticas comunicativas. Assim, “todo indivíduo inserido em um processo social ‘está em comunicação’, está dizendo alguma coisa sobre si mesmo e sobre a sociedade, seja por intermédio da roupa, da postura, do olhar etc” (TEMER, 2005, p. 277).

A partir dessa reflexão, que admite o atravessamento subjetivo nas práticas expressivas, simbólicas e reflexivas (Método da Totalidade), as questões na Comunicação e no Jornalismo podem ser (re)pensadas a partir da interação, ou seja, a partir da estruturação de um processo de construção ativa de sujeitos comunicativos mediados por forças opostas (polares) responsáveis por definir os tais “assins”. Sob essa ótica seria possível expandir, por exemplo, a curiosidade sobre as capacidades técnicas e tecnológicas de transmissão de informação adquiridas pelos meios de comunicação ao longo do tempo, e perguntar: de que modo a técnica e a tecnologia atravessam o nosso cotidiano e de que modo nós atravessamos suas lógicas?

Ora, se a comunicação é uma questão de representação e interação, ela seria, também, indissociável da expressão subjetiva. Os fatos e aparatos são construídos por sujeitos complexos e multiplamente mediados, os quais aprendem socialmente maneiras de *ser*. Dessa forma, comunicar-se, seja cotidianamente, seja academicamente, é representar a si mesmo com ajustes performáticos *adequados* a cada ambiente social. No meio acadêmico, a performance demandada dialoga com representações de objetividade e distanciamento do tema de pesquisa, de modo a estabelecer um ambiente social em que a sublimação do *afetual*, do subjetivo, da experiência dispersiva empírica é o ajuste performático considerado adequado.

Para aprofundar a noção de representação, outro conceito-chave para a discussão delineada neste artigo também é pensado por Goffman:

[...] *fachada* [é] a parte do desempenho do indivíduo [...] com o fim de definir a situação para os que observam a representação. [...] É o equipamento expressivo de tipo padronizado intencional ou inconscientemente empregado pelo indivíduo durante sua representação. (GOFFMAN, 2018, p. 34, grifo nosso).

A partir de Goffman, Thompson, também reflete sobre os processos de interação e mediação articulados à fachada.

Ações e expressões pessoais que se sentem inapropriadas, ou que poderiam desacreditar a imagem que a pessoa está procurando projetar, são suprimidas e reservadas para outros ambientes e encontros - para ambientes que podem ser descritos como ‘regiões de fundo’ com relação à fachada em que a ação acontece. (THOMPSON, 1998, p. 82).

Destacamos que não é intrínseca a essas discussões citadas, nem a esta aqui construída, qualquer indicação de valores positivo ou negativo ao ato de “performar”, ou de representar a si mesmo nas fachadas. Trata-se apenas de uma reflexão teórica sobre as práticas humanas. É inevitável que a grande questão sobre a constituição de um verdadeiro eu, autêntico, genuíno, venha à tona. Sobre ela, nos bastamos a especular que *talvez* seja na execução de diferentes papéis que nos conhecemos e reconhecemos; *talvez* a escolha de performances e fachadas tenha mais a dizer sobre como somos e queremos ser do que podemos supor (PARK *apud* GOFFMAN, 2018). De todo modo, seguimos mantendo viva a dualidade e o caos de tal problemática.

O fato é que as práticas de Comunicação e de Jornalismo, sobretudo as práticas acadêmicas, exigem comportamentos específicos. Observa-se que o acordo do meio científico expresso nas dinâmicas de congressos, submissões e pareceres - que têm sua validade - vincula-se (esse acordo ou paradigma) a um tipo de representação que afasta a subjetividade de quem pesquisa dos resultados de seu trabalho, ao mesmo tempo em que estimula a formação cada vez mais sólida do sujeito. As experiências empíricas poderiam ser várias e múltiplas, mas suas percepções e inquietações subjetivas devem permanecer na região de fundo. A região frontal, ou fachada, deve expressar reflexões teóricas objetivas e performaticamente científicas. Contudo, o próprio ato de refletir teoricamente sobre a comunicação é uma performance.

A representação de si como intelectual é um papel social que demanda ajustes no modo de expressar-se. Como as produções refletem essa performance do(a) pesquisador(a)? Se os comportamentos restaurados na produção acadêmica recomendam, para sermos sutis, a objetividade e o distanciamento, não estariam eles interferindo na própria concepção de comunicação? Pensar sobre como o academicismo medeia a expressão genuína das impressões empíricas do(a) pesquisador(a) ainda é uma grande inquietação.

### **MEDIAÇÕES: UM CAMINHO POSSÍVEL**

A perspectiva das mediações (MARTÍN-BARBERO, 1997) elaborada sob as condições históricas e culturais traz uma proposta relevante, no nosso entender, para este artigo<sup>5</sup>. Seu autor, Jesús Martín-Barbero, imigrante espanhol na América Latina, possui uma obra de caráter essencialmente transdisciplinar dedicada ao exame profundo da cultura latino-americana e sustenta a premissa que aponta para a necessidade de:

[...] mudar o lugar das questões, tornar investigáveis os processos de constituição do massivo para além da chantagem culturalista que inevitavelmente os transforma em processos de degradação cultural. E, para isso, investigá-los a partir das mediações e dos sujeitos, isto é, da articulação entre práticas de comunicação e movimentos sociais (MARTÍN-BARBERO, 2018, p. 11).

O estudo da Comunicação sob o viés da cultura, como Martín-Barbero propõe, busca superar uma fragmentação analítica recorrente nos modelos hegemônicos da época em que o autor escreve como o *ideologista* (funcionalismo e estruturalismo) e o informacional. Tais correntes não permitem pensar os processos comunicacionais enquanto uma trama complexa e articulada de inter-relações atravessada por diferentes agentes socioculturais e históricos, segundo Martín-Barbero (1997). São essencialmente polares e racionalistas, buscam o entendimento linear da comunicação por meio de um cientificismo reduzido aos meios ou ao dispositivo dos efeitos da mensagem, que não tensiona o *entre* do processo comunicativo. Isto é, os conflitos, as contradições, as resistências, o sentido, o cotidiano, o coletivo, o dominado, o poder, tudo o que acontece nas relações da *práxis*

---

<sup>5</sup> Reconhece-se a distância em termos de tempo histórico da construção de tal teoria, elaborada em 1987, para a contemporaneidade. Há, nesse sentido, uma série de problematizações a serem apontadas, como, por exemplo, a noção de massa, recorrente no texto barberiano. O aprofundamento de críticas como essa não interessa diretamente a discussão traçada aqui. O que sustenta o diálogo com a Teoria das Mediações neste texto é a pretensão de matizar o conceito de mediações às noções de comunicação e totalidade. Logo, a perspectiva barberiana não é apresentada como um paradigma, mas como um caminho possível.

comunicativa é posto em segundo plano nos estudos de Comunicação dessas vertentes.

Assim, os questionamentos são restritos à atividade ideológica dos meios e à percepção da trama é reduzida a uma espécie de sistema de transmissão de informação que *influencia* o receptor. Os debates produzidos pelo cenário epistemológico conflitante intrigaram Martín-Barbero que, diante da realidade cultural cotidiana que vivenciava na América Latina, percebeu que as formas de socialização e o modo de relacionamento entre a população e os meios constroem reflexões que revalorizam as articulações do processo, seja na afirmação de experiências coletivas, seja na produção de sentido social dos conflitos, conforme Martín-Barbero (1997). Daí vem o rompimento com o reducionismo da abordagem de pesquisa referente às disciplinas dos meios e passa a pensar as articulações entre comunicação, cultura e política.

A investigação barberiana caminha mudando o lugar das perguntas, problematizando as diferentes instâncias do processo de comunicação, dando voz à “bagagem de mundo dos sujeitos” (MARTÍN-BARBERO; BARCELOS, 2000, p. 154) e mantendo a tensão das ambiguidades polares apresentadas nos meandros da negociação de sentido da Teoria das Mediações. Percebemos na escrita de Martín-Barbero (2018) uma resistência para definir precisamente o que são mediações. Maria Immacolata V. de Lopes (2018) sustenta que não há uma definição única para tal conceito e que se trata de uma noção plural.

A mediação deve ser entendida como o processo estruturante que configura e reconfigura tanto a lógica da produção quanto a lógica dos usos. Ela exige pensar ao mesmo tempo o espaço da produção, assim como o tempo do consumo, ambos articulados pela vida cotidiana (usos/consumos/práticas) e pela especificidade dos dispositivos tecnológicos e discursivos das mídias envolvidas. (LOPES, 2018, p. 17).

O enfoque das mediações caracteriza-se como um local de estudo, como um modelo teórico-metodológico de onde é possível perceber a heterogeneidade cultural e social envolvida na comunicação. A partir desse lugar, o propósito é não fixar o olhar no funcionamento dos meios, tampouco no comportamento do receptor, mas permanecer em um polo equidistante aos dois, de onde seja possível captar o que ocorre entre eles. Nesse sentido, as mediações são o terceiro incluído, uma espécie de não-lugar, como já referimos, que articula os polos. É importante destacar que a polaridade em si, isto é, a dialética envolvida nos processos (aqui, comunicativos) não é um problema. Nem toda dualidade precisa ser maniqueísta.

A existência de dois polos, emissão e recepção por exemplo, é uma realidade incontornável, da qual pode ser possível o desenvolvimento de uma série de articulações. As mediações não aparecem como uma negação dessa dialética, mas como um modo de pensar sobre ela. Em verdade, as mediações são construídas pela dinâmica polar, logo, não é possível compreendê-las sem considerar os polos. Esse terceiro incluído seria, então, uma espécie de síntese dos polos<sup>6</sup>. O que há de mais pertinente na proposta barberiana para esta reflexão é a abordagem da comunicação sob o viés da cultura. Isso implica o confronto da pesquisa com o cenário comunicativo amplo - cultural, portanto - sem neutralizar suas contradições, sem dissolver a subjetividade do(a) pesquisador(a) e sem ignorar as tensões polares. Fica acordado que a comunicação não é uma questão de meios

<sup>6</sup> A síntese do terceiro incluído não necessariamente expressa a harmonia entre os polos, mas busca abranger a complementaridade deles, sem dissimular suas contradições.

somente, mas de práticas, de trocas simbólicas, de ação e representação. A comunicação é uma questão de mediações.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Comunicar-se, exhibir-se, representar-se, “performar-se”. Mostrar-se para o outro em busca do controle das impressões deixadas, especialmente no ambiente acadêmico, sobe ao palco como um tema com cortinas contraditórias de cultura, refletores com focos difusos e coxias multicoloridas. Para adentrá-lo, basta ser. Para nele atuar, basta pensar. Para nele permanecer, é preciso fazer *assim*. E como aprender a sê-lo? Como descobrir que é preciso não somente ser, mas ser *assim*? A pós-modernidade propõe a reconstrução de sentido a partir de dois referenciais, a saber, a identidade móvel e a não-predominância da razão. Sendo assim, admite-se que o progresso não é linear e que a construção teórico-reflexiva é um processo polar, cuja característica de dualidade é incontornável. O Método da Totalidade é uma proposta que dialoga com o contexto pós-moderno e que considera o caos envolvido em *ser*.

O MT tem necessidade da elaboração de reflexões densas, teoricamente falando, e não nega, ao mesmo tempo, o processo de dispersão empírica. Em verdade, indica que os dois polos devem ter o mesmo peso e estar articulados. Nesse cenário, é preciso ajustar-se à coerção do meio e encontrar brechas para *expressar as impressões*. Na Comunicação e no Jornalismo, um caminho possível de aplicação do Método da Totalidade surge com a concepção de comunicação como um acontecimento (já referido anteriormente), como algo que está no *entre*, nas mediações, portanto. Assim, a prática acadêmica não precisa centralizar o olhar do pesquisador só aos meios de comunicação ou aos sujeitos receptores ou à estrutura das mensagens ou à técnica do canal de transmissão. De modo holístico, o pensamento pode dar conta da amplitude dos processos comunicativos.

Quem pesquisa está, inevitavelmente, imbricado em seu objeto. Pesquisadores(as) são sujeitos de seus objetos. As experiências de interação, troca, representação e performance fazem parte do todo humano. Por mais que haja a necessidade de lidar com a coerção do meio acadêmico, a escrita formal sobre Comunicação e Jornalismo jamais poderia acontecer sem o reflexo da dispersão empírica. Como a pesquisa acadêmica, especialmente a pesquisa em Comunicação e Jornalismo pode estar articulada ao Método da Totalidade? Talvez essa tenha sido a grande questão deste texto, que foi a experiência de uma utopia particular, em que buscamos pensar de forma ampla. Um texto feito mais de perguntas do que respostas, que especula, mais uma vez, no sentido de que a pesquisa em Comunicação possa estar articulada ao Método da Totalidade se aceitar o desafio de lidar com o caos estruturalmente humano..

Se a área da Comunicação sustentar discussões menos voltadas à necessidade de estabelecimento de um paradigma único, rígido e ordenado, dedicando-se antes às possibilidades advindas do caos - ou do *entre*, as seduções, as articulações, as mediações, talvez pudéssemos chegar a um debate mais profícuo com o que é a Comunicação: ação de tornar comum. Pensá-la sob o viés das mediações pode ser um caminho possível para conciliar este campo de estudos com o Método da Totalidade proposto por Edgar Morin, em suma.

**REFERÊNCIAS**

- BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- COELHO, T. **A cultura e seu contrário: cultura, arte e política pós-2001**. São Paulo: Iluminuras - Itaú Cultural, 2008.
- COELHO, T. **Dicionário crítico de política cultural**. Cultura e imaginário. São Paulo: Iluminuras, 1997.
- GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. 20 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.
- KUHN, T. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1996.
- LOPES, M. I. V. de. Jesús Martín-Barbero e os mapas essenciais para compreender a comunicação. Intexto, Porto Alegre, nº 43, p. 14-23, set/dez, 2018.
- MARTÍN-BARBERO, J. Comunicação e mediações culturais. [Entrevista concedida a Claudia Barcelos]. Tradução por Silvia Rojo Santamaria. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação - Intercom**, v. 23, n. 1, p. 151-163, jan/jun, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.
- \_\_\_\_\_. Dos meios às mediações: 3 introduções. **Matrizes**, São Paulo, v. 12, nº 1, p. 9-31, jan/abr, 2018.
- MORIN, E. **Cultura de massas no século XX: neurose - I**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1997.
- NIETZSCHE, F. **Crepúsculo dos ídolos**. Ou como se filosofa com o martelo. São Paulo: Cia. das Letras, 2006.
- NIETZSCHE, F. **Vontade de potência**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2011.
- SCHECHNER, R. **Performance Studies: an introduction**. Nova Iorque: Routledge, 2002.
- TEMER, A. C. As bases sociológicas nos estudos das teorias da comunicação. **Revista Comunicação - Veredas**. Marília, São Paulo, ano IV, nº 04, p. 271-295, novembro, 2005.
- THOMPSON, J. **A mídia e a modernidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.